

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO/DO PONTO DE VISTA DISCENTE: ANÁLISE DE ATITUDES E PERCEPÇÕES NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Geraldo José Rodrigues Liska*
Vanja Myra Barroso Vieira da Silveira**

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação professor-aluno do ponto de vista do discente, incluindo, para a formação desse ponto de vista, os conteúdos e os métodos de ensino, pressupondo-os como a base do relacionamento na escola. Observamos as percepções dos alunos diante da interação com as suas professoras na obra infantojuvenil *Ponte para Terabítia*. Percebeu-se a importância dessa observação, por se tratar de um livro para um público de faixa etária específica, já que toda a obra foi escrita para chamar a atenção desse tipo de leitor, numa linguagem que fosse compreensível para ele e descrita com situações que fazem parte da sua realidade, do seu dia a dia. A relação dos alunos com as professoras, então, é mais uma das reproduções dessa realidade. Assim, no geral, o que pode ser encontrado nesse livro é o mesmo que pode ser observado na sala de aula, do ponto de vista do aluno. Nele, existem duas professoras: uma marcada pelo autoritarismo e imposição de conteúdos; e a outra, que investe na liberdade e autoestima em seu trabalho docente. Serão expostos os aspectos teóricos, em especial sobre as tendências pedagógicas e a visão freireana, nos quais se firmam essa relação em sala de aula para descrevê-la e julgá-la como sucesso/fracasso no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Literatura infantojuvenil. Tendência pedagógica. Visão freireana.

INTRODUÇÃO

Alguns, mais zelosos de suas funções, não tardariam a responder que o papel essencial da escolarização é atender a dimensão imediatamente *epistêmica* do ensino, isto é, a escola estaria a serviço da apropriação, por parte da criança e do adolescente, dos conhecimentos acumulados pela Humanidade. Outros se remeteriam a uma visão *socializante* da escola, definindo-a como ensaio, preparação do jovem cidadão para o convívio em grupo e em sociedade. Outros, ainda, lembrariam a dimensão *profissionalizante* da educação, assegurando-lhe a tarefa de qualificação para o trabalho (AQUINO, 1996, p. 39).

Muitas pesquisas em educação têm como objetivo desenvolver metodologias de ensino que busquem melhorar o relacionamento das pessoas que convivem em sala de aula. Neste caso, estaremos nos referindo ao professor e ao aluno, e discutiremos as formas de apresentação dos conteúdos, selecionando-os conforme sua necessidade em

* Doutorando e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Secretário executivo da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). E-mail: <geraldo.liska@unifal-mg.edu.br>.

** Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Técnica em assuntos educacionais da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG, Alfenas). E-mail: <vanjamyra@gmail.com>.

torno do ambiente de formação do aluno para o êxito no processo de ensino-aprendizagem. Movimentos sociais e filosóficos, em determinados períodos do contexto histórico da educação no Brasil, originaram as tendências pedagógicas, conforme a classificação de Libâneo (1989), e o estudo delas se faz essencial para a compreensão da trajetória histórica da didática, levando os educadores à reflexão da prática docente. Vale ressaltar que elas não aparecem em sua totalidade, não são exclusivas de certos períodos históricos, e sim uma tentativa de classificação da forma de ensino vigente da época que, segundo o pesquisador, não possuem cem por cento de eficácia em sua organização.

O presente trabalho tem como intuito analisar a relação professor-aluno do ponto de vista do discente, incluindo para a formação dessa perspectiva as atitudes dos professores sobre os conteúdos e os métodos de ensino escolhidos e a percepção dos alunos sobre essas escolhas, pressupondo-as como a base do relacionamento na escola.

Partiremos da descrição de duas tendências pedagógicas, de acordo com a classificação de Libâneo (1989): a pedagogia liberal tradicional e a renovada não diretiva. Em seguida, compararemos as descrições apresentadas ao comportamento das professoras Sra. Myers e Srta. Edmunds, personagens do livro infantojuvenil *Ponte para Terabítia* (PATHERSON, 2006), incluindo os conteúdos e os métodos de ensino utilizados. Justificamos a escolha desse livro por se tratar de uma obra de grande aceitação do público infantojuvenil e homenageada com importantes prêmios da literatura nacional de países diferentes, conforme será visto neste artigo.

Embora haja divergência no período histórico onde cada uma dessas pedagogias vigora, elas podem ser usadas como ferramentas para diagnosticar a prática do professor no ambiente escolar. Juntamente com essa análise, há a aprovação ou reprovação do comportamento

das professoras diante da metalinguística do “ensinar como ensinar” de Paulo Freire (2003).

Assim, na primeira parte, será apresentada uma visão das tendências pedagógicas, enfatizando as duas citadas para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, há a apresentação dos motivos que elegeram *Ponte para Terabítia* como o livro para a análise da relação professor-aluno, para, depois, articular essas pedagogias com as professoras, personificando as tendências e levando à compreensão da prática do educador, aprovando ou reprovando seus métodos de ensino à luz dos pensamentos de Paulo Freire. Isso induzirá a reflexão de que, independente da filosofia de ensino adotada pela escola, parte do professor promover a interação entre os alunos, justificando o enfoque de que ele é responsável direto para a efetivação do processo de ensino no contexto escolar.

1. TENDÊNCIAS LIBERAL E PROGRESSISTA E SUAS VERTENTES

Há uma dicotomia na classificação das tendências pedagógicas em relação à trajetória histórica da educação brasileira (LIBÂNEO, 1994; 1989): liberal – tradicional, renovada progressivista, renovada não diretiva e tecnicista – e progressista – libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos.

Na pedagogia liberal, condizente ao nome, predomina a liberdade e há a valorização dos interesses individuais na sociedade, em que, por meio do preparo das aptidões do futuro cidadão pela escola, haverá a atuação dele na sociedade capitalista. Considerando isso, caberá ao aluno o seu aperfeiçoamento para atender as exigências do meio e, nele, conseguir destaque, independente da classe social oriunda.

Na pedagogia liberal tradicional, a preocupação volta-se à transmissão do conteúdo. A cultura e os problemas sociais são os principais temas de estudos,

adotados como verdades acumuladas durante gerações e repassados como exercícios de repetição e memorização. O ensino é centrado no professor, que não permite qualquer comunicação entre os alunos durante a aula. Ao educador cabe a autoridade e ao aluno, a disciplina, que normalmente é imposta.

Opondo-se à tendência tradicional, porém mantendo os traços liberais filosóficos, surge a pedagogia renovada no final do século XIX, que obtém destaque com a Escola Nova, na década de 1930. Com os trabalhos de Piaget sobre o desenvolvimento lógico e intelectual do indivíduo, aprimora-se a psicologia cognitiva, deixando a educação de acontecer por meio de processo externo. A capacidade individual do aluno é valorizada e o professor passa a ser o mediador entre o conteúdo e o educando, por meio das experiências vividas por este, e aquele deixa de atuar como portador da verdade absoluta na sala de aula.

Essa tendência deu origem a duas vertentes: progressista e não diretiva. As duas se preocupavam em trabalhar questões psicológicas e é dada mais ênfase à prática do conteúdo que a teoria do mesmo, como um processo de adequação social à realidade que cerca o aluno.

Na segunda metade do século XX, predomina a pedagogia liberal-tecnicista, com a lei nº 5.692/1991, que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Sua metodologia instrumental se baseava na formação de novos usuários e produtores de tecnologia em crescimento no país e no mundo, fazendo com que parte do currículo escolar tivesse a finalidade de iniciar o indivíduo para o trabalho, habilitando-o profissionalmente em uma área específica. O conteúdo desse ensino técnico, fragmentado, era elaborado por especialistas e entregues ao professor, que atuava como instrutor do conhecimento.

Para questionar a relação do homem com seu meio, Paulo Freire inaugura a tendência progressista

libertadora, contrapondo-se às pedagogias descritas e tendo o diálogo entre educandos e educadores como principal fonte de construção do conhecimento, por meio da troca de experiências vividas dentro do contexto social onde estão inseridos. Alunos e professor refletem em condições de igualdade, desafiados por situações-problema que devem compreender e solucionar, como a identidade cultural e a libertação das opressões do cotidiano.

Seguindo os traços problematizadores dessa tendência, a pedagogia libertária encaminha o aluno à discussão dos conflitos do cotidiano em ambiente externo da sala de aula, promovendo a educação informal. São criados grupos de discussão, como assembleias, reuniões, conselhos e associações, para a exposição de ideias que possam solucionar as necessidades e as exigências da vida social. Isso desenvolve o senso crítico no indivíduo ao analisar a realidade na qual convive. Não há obrigatoriedade para a resolução das matérias, elas são apenas disponibilizadas ao educando e a ele é dado o livre-arbítrio em adquiri-las ou não.

Para manter a linha progressista e melhorar o papel de transformação social que a escola possui, a pedagogia “crítico-social dos conteúdos” destaca os conteúdos que realmente são importantes para a formação histórico-social do indivíduo. O conteúdo é o objeto, embora necessite de avaliação crítica, para se dar da melhor forma para que o aluno compreenda a realidade, por meio das experiências vividas por ele e a explicação do professor, de modo que o educando consiga analisar os contrastes existentes em sua sociedade e enfrentá-los. Essa aprendizagem significativa procura diagnosticar o que o aluno já sabe e sua formação cultural, para que o conteúdo seja trabalhado como uma continuidade dessa vivência. Há uma democratização do ensino, cuja tarefa é socializar o conhecimento.

2. O LIVRO INFANTOJUVENIL *PONTE PARA TERABÍTHIA*

Com a intenção de ajudar seu filho mais novo a suportar a perda de uma amiga, Katherine Paterson se inspira para criar a trama de *Bridge to Terabithia*, traduzido por Ana Maria Machado, levando o nome de *Ponte para Terabíthia*.

A obra foi escolhida para análise por ser vencedora de dois importantes prêmios da literatura infantojuvenil: A medalha John Newberry¹, em 1978, concedida anualmente pela Association for Library Service to Children (ALSC), uma divisão infantil da Associação de Bibliotecas Americanas (American Library Association – ALA), em prol do reconhecimento da literatura infantil tal como as obras destinadas ao público adulto; e o prêmio Le Grand Prix des Jeunes Lecteurs² (Grande Prêmio para Leitores Jovens), em 1986, da federação francesa, cuja comissão é composta por 25 leitores entre 9 e 12 anos de idade.

A autora do livro também já foi homenageada: em 1998, com o prêmio Hans Christian Andersen³, uma das atividades do International Board on Books for Young People (IBBY), conselho internacional criado para recomendação de livros ao público infantojuvenil; e, em 2006, com a premiação criada pelo governo sueco Astrid Lindgren⁴ (Astrid Lindgren Memorial Award – ALMA), o mais importante prêmio internacional de literatura para crianças e o segundo maior de literatura no mundo, cujas obras gratificadas valorizam os direitos humanos. Além disso, em 2010, foi eleita para ocupar o cargo de embaixadora nacional da literatura infantojuvenil (The National Ambassador for Young People's Literature⁵), criado em 1998 pela Library of Congress (Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos), sendo responsável por cuidar da alfabetização, educação, desenvolvimento e melhoria de vida da população jovem por meio da literatura.

Ressaltamos ainda que a tradutora do livro, a escritora Ana Maria Machado, é uma das escritoras contemporâneas de destaque no Brasil. Entre os inúmeros prêmios conquistados, constam em sua biografia⁶ três Jabutis, o Machado de Assis da ABL em 2001 para conjunto da obra, o Machado de Assis da Biblioteca Nacional para romance, o Casa de Las Americas (1980, Cuba), o Hans Christian Andersen, internacional, pelo conjunto de sua obra infantil (2000)⁷, o Príncipe Claus (Holanda), o Iberoamericano SM de Literatura Infantojuvenil (2012), o Zaffari & Bourbon (2013), por melhor romance do biênio em língua portuguesa. Foi também agraciada, em alguns casos mais de uma vez, com láureas como: Prêmio Bial de SP, João de Barro, APCA, Cecília Meireles, O Melhor para o Jovem, O Melhor para a Criança, Otavio de Faria, Adolfo Aizen, e menções no APPLE (Association Pour la Promotion du Livre pour Enfants, Instituto Jean Piaget, Génève), no Cocori (Costa Rica), no FÉE (Fondation Espace Enfants, Suíça) e Americas Award (Estados Unidos). Atualmente, ocupa a cadeira número um da Academia Brasileira de Letras, que presidiu de 2011 a 2013⁸.

A editora Salamandra, responsável pela edição do livro no Brasil, tem seu catálogo formado por obras de autores brasileiros e estrangeiros e nele são contemplados desde bebês até jovens leitores⁹. Seu principal foco é a valorização do livro como veículo de expressão de ideias, sentimentos e emoções. No catálogo, constam as seguintes especificações para a obra *Ponte para Terabíthia*¹⁰: Faixa etária: a partir de 12 anos; Indicação: 7º Ano (EF2), 8º Ano (EF2), 9º Ano (EF2); Área: Ficção. Assunto: A leitura como viagem, Amizade, Amor, Crescimento, Fantasia, Histórias clássicas, Imaginação infantil, Insegurança, Medos, Perdas, Relacionamento entre irmãos, Vida em família.

Considerando as premiações conquistadas pela obra, pela autora e pela tradutora, como referência entre os livros para o público infantil e juvenil, e a

recomendação da editora para os anos finais do ensino fundamental (sétimo, oitavo e nono ano), acreditamos na importância da análise apresentada neste trabalho, levando em conta, ainda, a afinidade da ficção com a realidade da sala de aula.

A história narra a vida de um garoto, Jesse Aarons, que vivia em uma família onde só tinha a atenção de sua irmã caçula. Era um menino comum: ajudava nas tarefas domésticas, gostava de correr (e era realmente bom nisso), ia à escola, tinha seus desentendimentos com os alunos mais velhos, detestava as aulas da Sra. Myers e amava a presença da Srta. Edmunds. A sua vida começa a mudar a partir do momento em que conhece Leslie Burke, uma garota que se mudara para Córrego da Cotovia, com quem teve muitas discórdias, ainda mais depois de ela ter ganhado a corrida que os meninos sempre faziam nos intervalos. Conforme prolonga a trajetória, os dois acabam se tornando amigos e, com ela, Jess aprende a fantasiar a realidade, a se libertar do maçante cotidiano e a se divertir. Construíram um mundo imaginário, cujo nome dá o título à obra. A amizade entre eles aumentava progressivamente, até que, enquanto Jess visitava os museus na cidade com a professora Edmunds, Leslie vai até o lugar, batizado por eles como Terabítia, e acaba caindo no rio, que precisa atravessar para acessar o local onde o mundo imaginário acontecia. Quando Jess chega a casa, descobre que sua melhor amiga tinha falecido. A notícia liberou uma “descarga emocional” no garoto, e, a partir daí, a atenção da família é voltada a ele e a amizade com a sua irmã mais nova se intensifica, a ponto de ele começar a levá-la à Terabítia, cena que antes era rara.

Embora seja um livro escrito por uma adulta, a sua linguagem é de fácil acesso para as crianças e os adolescentes, como se o narrador onisciente fosse um deles. Ele conhece os gostos dos personagens, sabe o que os atrai e o que os repele. Isso acontece com a escola, onde a maioria dos alunos detesta a sala de aula

e adora o recreio, a ponto de fazer qualquer coisa para não perdê-lo:

Jess ficara com tanto medo de perder o recreio que até agora, mastigando seu sanduíche de mortadela, continuava de boca fechada e olhos baixos, comendo sobre o coração com as iniciais (PATERSON, 2006, p. 35).

O narrador, então, colabora para a veracidade da análise dos professores pelos alunos, pois leva a ficção à realidade deles, justificando o estudo deste trabalho para a reflexão de um método de ensino que resulte no sucesso da aprendizagem.

3. AS PROFESSORAS SRA. MYERS E SRTA. EDMUNDS E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Em relação à prática docente apresentada na obra, percebe-se a preferência dos alunos a uma professora e, em oposição a isso, o temor deles diante da outra. As maneiras de elas lidarem com as crianças são bem divergentes e podem demonstrar determinadas tendências pedagógicas em seus relacionamentos com a classe e as metodologias de ensino usadas. O seguinte trecho se refere a uma cena onde Jess tenta acabar com a curiosidade do colega da carteira ao lado em ver seu desenho, pisando no pé dele:

– Meninos! – gritou a senhora Myers, perdendo os últimos vestígios de seu sorriso mecânico.
 – Ele pisou no meu dedo.
 – Sente-se direito, Gary.
 – Mas ele...
 – Sente-se! Jesse Aarons, não quero mais nem um pio vindo do seu lugar. Se não, você fica sem recreio. Agora, todos copiando o dicionário (PATERSON, 2006, p. 35).

Essa passagem assemelha o comportamento da Sra. Myers à pedagogia liberal tradicional, já que esta possui o caráter intelectualista e enciclopédico. Lembra

as professoras de Português, geralmente mal-humoradas, ranzinzas, apresentas por Dalla Zen (2002). Os conteúdos de ensino se divergem da realidade do aluno porque são determinados pela sociedade, ditos como verdades que se transmitem de geração em geração. Ao ordenar que as crianças copiem o dicionário, há a preocupação do professor com o conteúdo de ensino e não com o que realmente o aluno deveria aprender. É claro que se deve fazer uso do dicionário em sala de aula, desde que seja para consulta, pois, conforme Krieger (2003), esse contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno, ampliando sua esfera vocabular por meio da aquisição de itens lexicais de múltiplos sentidos, com variações diastráticas e sincrônicas da língua.

Quanto ao relacionamento professo-aluno, essa pedagogia defende o autoritarismo do educador, a ponto de não permitir a comunicação entre os integrantes da turma. O respeito é imposto e isso se torna claro ao intimidar a criança a perder o recreio, caso ela não ficasse em silêncio.

Em todas as aparições da professora durante a leitura do livro, ela é sempre encarada com postura conservadora, autoritária. O narrador a descreve, na visão dos alunos, com apelidos pejorativos, como “Myers Boca-de-Monstro” (PATERSON, 2006, p. 32) e “Myers do Queixo Duplo” (p. 63). Logo, há uma repercussão negativa da turma e isso dificulta o sucesso da ação de ensino-aprendizagem.

São sem dúvida os sentimentos positivos do professor (interesse, compreensão, respeito, alegria, bom humor, atenção, gostar de ensinar, paciência, etc.) que sentidos pelos alunos, promovem em grande parte os seus sentimentos de simpatia. Em contrapartida, o professor irritado, mal-humorado, autoritário, nervoso, não gosta de ensinar, sem paciência, injusto, faltam às aulas, etc., provoca sentimentos negativos, como a antipatia (RODRIGUES; GARMS, 2008, p. 5).

A professora mantém essa rigidez durante toda a narração, chegando, desta maneira, ao final do livro:

A senhora Myers latiu a ordem para todos ficarem de pé para a chamada e a cerimônia de volta às aulas. Ele não se mexeu. Nem sabia se era porque não conseguia ou porque não queria – mas a verdade é que estava pouco se importando. Afinal de contas, o que é que ela podia fazer contra ele?

– Jesse Aarons. Saia da sala, por favor.

Ele levantou o corpo de chumbo e se arrastou para o corredor. Achou que ouviu Gary Fulcher prendendo o riso, mas não tinha certeza. Encostou na parede e esperou Myers Boca-de-Monstro acabar de cantar o Hino Nacional e vir falar com ele. Ouviu que ela estava mandando a turma fazer algum trabalho qualquer, antes de sair e fechar a porta com cuidado (PATERSON, 2006, p. 185).

Quando a professora ordena para que os alunos façam determinado trabalho, escolhido improvisadamente, como se pode perceber, comprova-se a imposição dos conteúdos com o intuito de manter o silêncio e a atenção da classe. Essa é uma característica (negativa) do relacionamento entre professor e aluno na tendência da pedagogia analisada.

Já a pedagogia renovada não diretiva prioriza o aluno como centro das atenções, logo, coloca os conteúdos em segundo plano. Reforça-se o trabalho de estímulo na sala de aula, tornando agradável o ambiente dela e provocando a mudança interior do indivíduo. Os professores devem aceitar os alunos como eles são, dando liberdade para a expressão das vontades e dos sentimentos, sem que isso os leve ao constrangimento ou ao castigo. Além do mais, o planejamento das atividades deve ser feito com eles, e não para eles, pois a realidade deles deve ser condizente com os conteúdos, para facilitar e justificar seu ensino e tornar a sala de aula um local livre de pressões e tensões emocionais (ROGERS, apud GOBBI et al., 1998).

Demonstra-se, na obra, que a professora Julia Edmunds prefere trabalhar o relacionamento inter e intrapessoal com as crianças a prepará-los para a arte musical. Jess é adorado por ela e seus desenhos ganham muitos elogios, pois ela sabia que as criações eram

importantes para o personagem, embora não obtivesse o mesmo reconhecimento com outros educadores:

O pior é que nenhum dos professores regulares gostava dos desenhos que ele fazia. Sempre que o pegavam rabiscando, reclamavam do desperdício – estava perdendo tempo, gastando papel, devia estar fazendo coisa melhor. A não ser Miss Edmunds, a professora de Música. Era a única a quem ele tinha coragem de mostrar alguma coisa, mas ela só estava na escola havia um ano, e mesmo assim, só vinha às sextas-feiras (PATERSON, 2006, p. 20).

Pode-se afirmar que o talento artístico que se desenvolvia em Jess ganhava força com o estímulo da Srta. Edmunds, por meio de frases como “você é um diamante num palheiro”. Nesse caso, o elogio não possui um efeito contraditório, responsável por atrapalhar o ensino (BROPHY, 1987), acostumando o aluno a somente realizar as tarefas em troca dele, pelo contrário, se trata de um reforço social para estimular o garoto a desenvolver a habilidade do desenho.

A aproximação dela com os alunos figura-se em seu jeito de sentar, diante deles, de pernas cruzadas, como eles mesmos faziam. Para Vygotsky (1994), a *mediação* e a *internalização* são fundamentais, frutos da interação social, para a construção do conhecimento. A troca de experiências, a preocupação com o outro e a afetividade são importantes para a *mediação*, entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem, e para a *internalização* como estímulo cognitivo para a interação.

Miss Edmunds brincou um pouco com o violão, dando uns acordes, conversando enquanto apertava as cordas, em meio ao tilintar das pulseiras. Como sempre, estava de jeans, e se sentava com as pernas cruzadas diante deles, como se esse fosse o jeito normal de todos os professores. Perguntou a alguns dos alunos como estavam, e como tinham passado o verão (PATERSON, 2006, p. 47).

Estimular os alunos à autorrealização era parte da sua intenção como educadora. Durante a história,

fez isso com o personagem principal da obra, por quem demonstrava grande afeto. Como Jess tinha desenvoltura para desenhar, ela o convida para ir a uma galeria de arte, a fim de colaborar para o desenvolvimento e a apreciação artística, facilitando à criança o meio para a busca do conhecimento.

– Você já foi à Galeria Nacional alguma vez?

– Não senhora.

Na verdade, nunca fora a Washington, mesmo morando tão pertinho, mas torcia para ela não perguntar. A professora sorriu de novo.

– Então esta é a primeira vez que você vai a um museu ou galeria de arte?

– É, sim senhora.

– Ótimo! – exclamou ela. – Então minha vida valeu a pena [...] (PATERSON, 2006, p. 149).

Sobre a relação professor-aluno, Mauco afirma que, na escola, devem ser articulados o conhecimento e a afetividade:

A relação afetiva vai buscar as suas componentes menos no domínio intelectual do que ao domínio da subjetividade. É verdadeiramente no plano da sensibilidade que se deve procurar a natureza profunda das relações professor-aluno, mais do que no plano da atividade intelectual (MAUCO, 1968, p. 145).

Percebemos, então, o quanto é importante o estímulo criado pelo professor na sala de aula, por meio do relacionamento afetivo, pois, conforme Mauco (1968), é no plano da sensibilidade, despertado pelas relações afetivas, que se deve procurar a natureza profunda das relações professor-aluno.

4. AS PROFESSORAS SRA. MYERS E SRTA. EDMUNDS E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Continuando a análise da narração pelo foco pedagógico, parte-se para Paulo Freire e sua *Pedagogia da autonomia* (2003), com seus pensamentos em prol

da construção de um ambiente escolar favorável à aprendizagem. A preocupação em obter êxito nisso coloca o educando como o centro dos discursos sobre a educação, deixando em outros planos os conteúdos e o próprio educador, por exemplo. Freire defende a necessidade de acompanhar os saberes já adquiridos pelo aluno e dar continuidade a esse desenvolvimento, de maneira a ser um acréscimo na sua formação, e não apenas fazer um depósito de conteúdos. Uma das características do professor que conquista os educandos é respeitar os saberes que eles trazem consigo mesmos, do meio no qual passam pelo processo de formação. Isso não corresponde à atitude descrita da professora Myers ao exigir que os alunos copiassem o dicionário, pois, certamente, a cópia não contribuiria para a aquisição de conteúdos que realmente lhe serviriam para o desenvolvimento como cidadãos.

Freire (2003, p. 59) afirma que o docente deve refletir sobre a opinião que os alunos têm dele, que o modo como os educandos enxergam o professor é fundamental para o seu desempenho, para a avaliação de seu comprometimento com a docência. Se a Sra. Myers fosse analisada por esse pensamento, obteria pontuação negativa em seu trabalho, conforme estes dois trechos:

A senhora Myers distribuía os livros quase como se fosse o presidente dos Estados Unidos, de tanto que encompridava o processo com uma porção de assinaturas e cerimônias absurdas. Passou pela cabeça de Jess que ela também estava querendo adiar as aulas de verdade, o máximo possível (PATERSON, 2006, p. 34). Ao dizer a última palavra, a senhora Myers exibiu seu famoso sorriso de primeiro dia de aula. As séries mais adiantadas costumavam dizer que a senhora Myers nunca sorria, a não ser no primeiro e no último dia de aula (PATERSON, 2006, p. 33).

Quanto a Srta. Edmunds, os vários incentivos feitos à Jess correspondem a três afirmações de Freire (2003, p. 70-90) em relação ao que se exige do professor para o ensino como especificidade humana: saber

escutar, estar disponível para o diálogo e querer bem aos educandos. No seguinte fragmento, observam-se essas exigências na professora e a reação positiva do aluno, ao ser estimulado por ela:

Um dia, no inverno passado, ele lhe dera um de seus desenhos. Só entregou na mão dela no fim da aula, e saiu correndo. Na sexta-feira seguinte, ela pediu que ele ficasse um pouco mais depois da aula. E disse que ele tinha “um talento fora do comum”, e que esperava que ele nunca se deixasse desanimar por nada, mas “fosse em frente”. Isso queria dizer, Jess tinha certeza, que ela achava que ele era o melhor. Não aquele tipo de melhor que conta ponto em casa ou na escola, mas um tipo verdadeiro de melhor. Guardou isso bem lá no fundo de si mesmo, como se fosse um tesouro de piratas, bem enterrado (PATERSON, 2006, p. 21).

Por outro lado, havia os alunos que afirmavam não gostar da professora Edmunds. No livro, percebe-se que essa afirmação é reflexo de um comportamento, histórico-cultural, de conservadorismo. É comum que a maioria das pessoas não vejam com bons olhos aqueles que não se comportam, vestem ou pensam como elas. E enfatiza a narradora: “[...] mesmo depois de terminada a Guerra do Vietnã, quando tudo já devia estar bem de novo para quem quisesse gostar da paz” (p. 21). No exemplo a seguir, evidenciamos que é uma visão que se forma fora da escola, que os alunos tenham trazido de casa, com os pais ou com os meios de comunicação de massa:

[...] os meninos a chamavam de *hippie* ou *pacifista*, mesmo depois de terminada a Guerra do Vietnã, quando tudo já devia estar bem de novo para quem quisesse gostar da paz. Mas eles zombavam de *Miss Edmunds* porque ela não usava batom, ou porque o corte dos *jeans* dela era esquisito (PATERSON, 2006, p. 21-22).

Devido à extensão do artigo, não vamos nos aprofundar sobre o contexto histórico da época, apenas queremos enfatizar que ele é importante para formar a percepção dos alunos diante de seus professores.

No entanto, logo a seguir, os mesmos alunos, que admitiam não gostar da professora, também compunham a turma que ficava na expectativa de recebê-la com seu entusiasmo e seu comportamento cativante:

[...] os estudantes da Escola Primária do Córrego da Cotovia passavam a sexta-feira todinha sentados diante das carteiras, com os corações batendo forte de expectativa ao ouvirem o alegre pandemônio que vinha da sala dos professores enquanto sua vez não chegava; depois passavam sua meia hora com *Miss Edmunds*, encantados por aquela beleza selvagem e fascinados por seu entusiasmo, e depois saíam, fazendo de conta que não admitiam serem hipnotizados por uma dessas *hippies de jeans* apertados, com maquiagem carregada em volta dos olhos e nem um pouquinho de batom na boca (PATERSON, 2006, p. 22).

Como vimos, a Srta. Edmunds parece priorizar o relacionamento afetivo na sala de aula, e, com isso, ganha atenção de todos os alunos, em especial a de Jess:

[...] ele roubava uns minutos na sexta-feira, apenas para ficar perto dela e ouvir sua voz, suave e macia como se fosse de camurça, a lhe garantir que ele era um “garoto ótimo” (PATERSON, 2006, p. 22).

No entanto, Srta. Edmunds se entrega totalmente à liberdade em sala de aula. Sabemos que há necessidade de se dosar liberdade e autoridade, a fim de se chegar ao equilíbrio, ainda que seja tensa a relação entre autoritarismo e licenciosidade. Seguindo os pensamentos de Freire, esse seria um ponto negativo para a prática docente da professora, pois a falta de disciplina gera a perda de controle sobre a turma e acaba resultando em confusão:

Miss Edmunds ficava tocando violão e deixava as crianças se revezarem nos triângulos, címbalos, pandeiros e bongôs. Deus do céu, eles conseguiam fazer uma barulhada! Todos os professores odiavam as sextas-feiras. E um monte de meninos fazia de conta que também detestava (PATERSON, 2006, p. 22).

Tanto Freire (2003), como Aquino (1996) e Estrela (2002), debatem a importância de se trabalhar disciplina em sala de aula, fortalecendo-a com regras que contribuem para a formação individual e grupal da turma para a vida em sociedade. Essas normas de conduta transformam a vontade particular em geral:

A emergência de normas de conduta é um aspecto importante da vida dos grupos, pois, ao criarem as condições de funcionamento harmonioso do grupo, submetem a vontade particular à vontade geral e criam sentimentos de solidariedade e de pertença. Quando as regras são impostas por vontade do líder sem consulta ou negociação com os membros do grupo, elas podem gerar conflito e contestação e originar o aparecimento de outras regras informais (ESTRELA, 2002, p. 57).

De um lado, a Srta. Edmunds recebe prestígio da maioria dos alunos pela motivação e liberdade que ela lhes oferece dentro e fora da sala de aula, mas peca em disciplina; do outro, Sra. Myers ganha desafeto deles pelo seu estilo “sargentão”, impondo regras e penas, muitas vezes sem sentido, o que pode gerar conflito na relação professor-aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um livro para o público infantojuvenil, toda a obra foi escrita para chamar a atenção desse tipo de leitor, numa linguagem que fosse compreensível para ele e descrita com situações que fazem parte da sua realidade, do seu dia a dia. A relação dos alunos com as professoras, logo, é mais uma das reproduções dessa realidade. Assim, no geral, o que pode ser encontrado nesse livro é o mesmo que pode ser observado na sala de aula, do ponto de vista do aluno.

Percebe-se que a relação da Sra. Myers com os alunos, conforme os estudos pedagógicos atuais, é julgada negativamente, tanto pelo seu autoritarismo,

como pela sua imposição de regras e conteúdos. Sabe-se hoje que o interesse do aluno somente será despertado se o professor estabelecer uma relação com os conteúdos escolares e o que o estudante vive no dia a dia. Cópias e leituras decoradas, advindas na maioria das vezes de planos de aula amarelos de tão velhos, são ineficazes, uma vez que o trabalho em sala de aula não deve ser realizado por meio de modelos “prontos”, antecipados, mas sim voltado para o estímulo cognitivo e para a interação social.

A Srta. Edmunds, no entanto, foca o estímulo, a afetividade e a liberdade na sala, lembrando que essas características já são encontradas, em muitos casos, no cotidiano das disciplinas que envolvem o mundo das artes. No entanto, ela peca quando não estabelece limite para que essa liberdade flua, a ponto de atrapalhar a aula dos demais colegas e, conseqüentemente, o funcionamento do conjunto escolar nos dias de sexta-feira. A maioria dos alunos gosta da professora e isso pode acontecer por sua proposta de atividades, que envolve a interação do grupo.

O professor deve saber dosar disciplina e liberdade, estabelecendo limite entre o que é adequado e inadequado. Na falta de ordem, os alunos se dispersam. Logo, os alunos vão adorar a presença do professor “bonzinho”, porém chega o momento que isso foge do controle e já não adianta mais “explodir” na frente deles. Será percebida a diferença na relação deles com esse e com os demais professores, exigindo intervenção pedagógica dos especialistas que compõem a coordenação escolar.

Embora não se fale de outros participantes da hierarquia ou do conjunto escolar, mesmo que no livro eles fossem apresentados, é perceptível que parte do professor promover a interação entre os alunos, justificando o enfoque que o compreende como responsável direto para a efetivação do processo de ensino no contexto escolar.

THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN/FROM THE STUDENT POINT OF VIEW: ANALYSIS OF ATTITUDES AND PERCEPTIONS ON CHILDREN'S LITERATURE

Abstract

This study aims to analyze the teacher-student relationship from the point of view of the student, including for the formation of this view the contents and teaching methods, assuming them as the basis of relationships in school. We observe the perceptions of students on the interaction with their teachers in the children's book *Bridge to Terabithia*. The importance of this observation was realized because it is a book for an audience of specific age group, since all the work was written to raise awareness of this type of reader in a language that is understandable to them and described with situations that make part of their reality, their usual life. The relation of students to their teachers, then, is another of the reproductions of that reality. So overall, what can be found in this book is the same as can be observed in the classroom, the student's point of view. In the book, there are two teachers: one marked by authoritarianism and content of imposition; meanwhile the other one invests in freedom and self-esteem in her teaching. The theoretical aspects will be exposed especially concerning the pedagogical trends and Freire's vision, in which they signed this relationship in the classroom to describe it and judge it as successful/failure in the teaching-learning process.

Keywords: Teacher-student relationship. Children's literature. Educational trends. Freire's vision.

LA RELACIÓN PROFESOR-ALUMNO EN/DESDE EL PUNTO DE VISTA DEL ESTUDIANTE: ANÁLISIS DE LAS ACTITUDES Y PERCEPCIONES SOBRE LA LITERATURA INFANTIL

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar la relación profesor-alumno desde la perspectiva del estudiante, incluyendo para la formación de este punto de vista los contenidos y métodos de enseñanza, asumiéndolos como base de las relaciones en la escuela. Observamos las percepciones de los estudiantes en la interacción con sus profesores en el libro infantil *Un puente hacia Terabithia*. Se dió cuenta de la importancia de esta observación, ya que es un libro para un público de grupo de edad específico, ya que toda la obra fue escrita para dar a conocer este tipo de lector en un lenguaje que sea comprensible para él y descrita con situaciones que hacen parte de su realidad, su vida cotidiana. La relación de estudiantes a profesores, entonces, es otra de las reproducciones de esta realidad. Así, en general, lo que se puede encontrar en este libro es lo mismo que se puede observar en el salón de clases, del punto de vista del estudiante. En este libro, hay dos maestros: uno marcado por el autoritarismo y el contenido de la imposición; mientras otra invierte en la libertad y la autoestima en su enseñanza. Los presupuestos teóricos serán expuestos sobre todo en las tendencias pedagógicas y la visión de Freire, en los que se revelan esta relación en el aula para describir y juzgar como exitosas/fracasadas en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Relación profesor-alumno. La literatura infantil. Tendencias de la educación. La visión de Freire.

NOTAS

- ¹ A relação de vencedores da Newberry Medal and Honor Books está disponível no sítio eletrônico: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/alsc/awardsgrants/bookmedia/newberymedal/newberyhonors/newberymedal.cf>>. Acesso em: 8 out. 2009.
- ² A relação de vencedores da Le Grand Prix des Jeunes Lecteurs está disponível no sítio eletrônico: <<http://www.prix-litteraires.net/prix/105,grand-prix-des-jeunes-lecteurs.html>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- ³ A relação de vencedores da Hans Christian Andersen Awards está disponível no sítio eletrônico do IBBY: <<http://www.ibby.org/index.php?id=308>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- ⁴ A relação de vencedores da Astrid Lindgren Memorial Award, onde também se encontra o nome da escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes, homenageada em 2004, está disponível no sítio eletrônico: <<http://www.alma.se/en/Award-winners/>>. Acesso em: 12 out. 2009.
- ⁵ Conforme sítio eletrônico da embaixada, disponível em: <<http://www.read.gov/cfb/ambassador/index.html>>. Acesso em: 5 maio 2010.
- ⁶ A biografia da escritora pode ser acessada em seu sítio eletrônico: <<http://www.anamariamachado.com/biografia>>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- ⁷ Assim como a autora do livro, a escritora Ana Maria Machado também tem seu nome na relação de premiado da Hans Christian Andersen Awards, disponível no sítio eletrônico do IBBY: <<http://www.ibby.org/index.php?id=308>>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- ⁸ A relação de membros da ABL pode ser acessada em: <http://www.academia.org.br/academicos/membros?title=&field_cadeira_value=&field_cadeira_posicao_value=All>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- ⁹ Conforme informações no sítio eletrônico da editora: <<http://www.salamandra.com.br/institucional-2/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- ¹⁰ Essas especificações podem ser acessadas em: <<http://www.salamandra.com.br/main.jsp?lumPageId=4028818B2F212E9B012F2C6BF30801C2&itemId=FF8798C3D7B345A783AEE4D007E29C18#>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Disponível em: <<http://www.ala.org>>. Acesso em: 10 out. 2009.
- AQUINO, Julio. A desordem na relação professor-aluno. In: _____. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996, p. 39-55.
- ASTRID LINDGREN MEMORIAL AWARD (ALMA). Disponível em: <http://www.alma.se/en/Fiktiv-Startsida/Alma-startpage_en/Prize-winner/>. Acesso em: 10 out. 2009.

BROPHY, J. E. Synthesis of research on strategies for motivating students to learn. *Educational Leadership*, Alexandria (Virgínia, EUA), v. 44, p. 40-48, Oct. 1987.

DALLA ZEN, M. I. Representações da professora de português na literatura infanto-juvenil – elas têm o vírus da chatice? In: SILVEIRA, R. M. H. (Org.). *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 155-172.

ESTRELA, M. T. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 4. ed. Porto: Ed. Porto, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOBBI, Sérgio Leonardo; MISSEL, Sinara Tozzi (Org.). *Abordagem centrada na pessoa: vocabulário e noções básicas*. Florianópolis: Editora Unisul, 1998.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C. S. (Org.). *Questões de lingüística*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003. p. 70-87.

LIBÂNIO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MAUCO, G. *Psicanálise e escola*. In: _____. *Psicanálise e Educação*. Lisboa: Mores Editora, 1968. p. 114-169.

PATERSON, Katherine. *Ponte para Terabítia* [Bridge to Terabithia]. Tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Moderna, 2006.

RODRIGUES, Sílvia Adriana; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Relações interpessoais na Educação Infantil: o lugar da afetividade. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA ANPED, 9., Cuiabá, MT, 2008. *Anais...* Cuiabá, MT: UFMT, 2008. v. 1. p. 1-14. CD-ROM.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Enviado em 29 de setembro de 2015.

Aprovado em 20 de outubro de 2015.